

AS FINALIDADES DA ARTE: A AUTONOMIA E A LIBERDADE NA ESTÉTICA HEGELIANA

Cilene Nascimento Canda¹

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

 <https://orcid.org/0000-0002-1792-079X>

RESUMO:

O objeto de estudo do presente texto assenta-se na discussão sobre as finalidades da arte referentes à liberdade e à autonomia humana, tendo como aporte teórico a estética hegeliana. O estudo pretende, ainda que de modo conciso, ser um caminho reflexivo de suporte para a compreensão da estética, enquanto área de conhecimento humano. A metodologia adotada refere-se ao estudo de cunho teórico sobre a arte enquanto expressão, forma de produção de conhecimento sensível e de criação humana. Visa-se tecer argumentos acerca da filosofia da arte de Hegel, tendo como reflexão o campo estético, a construção da liberdade do ser e da autonomia no processo de criação artística. O estudo destina-se a contribuir para a discussão nas áreas da filosofia, estética, arte e educação.

PALAVRAS-CHAVE: Estética; liberdade; autonomia humana.

THE PURPOSES OF THE ART: THE AUTONOMY AND THE FREEDOM IN THE HEGEL' AESTHETICS

ABSTRACT:

The object of study of the present text seats in the discussion about the purposes of art relative to freedom and human autonomy, having like theoretical contribution the Hegel's aesthetics. The study pretends, though concisely, to be one reflexive way of support to the aesthetic comprehension, while area of human knowledge. The methodology adopted refers to the theoretical study about the art like expression, form of production of sensitive knowledge and human creation. It aims to weave arguments about Hegel's philosophy of art, having like reflection the aesthetics field, the construction of being liberty and of the autonomy in the process of artistic

¹ Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia – Brasil e Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Amargosa, Bahia – Brasil. E-mail: cilenecanda@yahoo.com.br

creation. The study intended to contribute for the discussion in the areas of philosophy, aesthetic, art and education.

KEYWORDS: Aesthetic; freedom; human autonomy.

1 Contextualização introdutória ao campo da estética

O presente artigo destina-se à discussão sobre a estética, tendo como âncora teórica as reflexões filosóficas sobre a arte, sistematizadas por Hegel, destacando, especificamente neste texto, as finalidades da arte voltadas para a liberdade e a autonomia humana. Objetiva também apontar a necessidade de superação de uma visão naturalista e utilitarista da obra artística, pautadas no princípio da imitação, ainda presente no contexto cultural contemporâneo. Por considerar a relevância dos estudos de Hegel (2006) para a afirmação da finalidade da arte destinada ao exercício da exterioridade sensível do espírito, este texto assume a perspectiva de discussão teórica no âmbito da arte enquanto investigação expressiva e criativa do ser humano. Enquanto objeto de estudo do presente texto, situamos a arte como atividade humana que lida diretamente com a sensibilidade e com a habilidade de criar, denunciar, provocar reflexões e instigar sentidos para a vida social.

Partindo da compreensão hegeliana de que o ser humano é finito, mas que sua capacidade reflexiva e filosófica é o que possibilita a sua infinitude, apresentamos a discussão acerca da arte como possibilidade de reflexão infinita e de atuação criativa no bojo da cultura. Este estudo é guiado com base nas seguintes problematizações: qual o posicionamento de Hegel quanto as finalidades da arte? Em que medida a arte contribui para a emancipação da liberdade e autonomia humana? Tais questões foram construídas com o intuito de auxiliar a reflexão cuidadosa no campo da estética.

Inicialmente, é preciso contextualizar o entendimento sobre *Estética* como a Ciência da comunicação sensorial e da sensibilidade, que é perpassada pela mediação cultural. Segundo o Dicionário Houaiss, esta palavra tem origem no termo grego *aisthétós*, que significa “percebido pelos sentidos”, sendo oposto a *Noétós*, referente à percepção da inteligência. Desse modo, é importante diferenciar o sentido de *estética* aqui trabalhado dos termos “forma”, “bom-gosto” e o “belo” convencionalmente utilizados no cotidiano. Reforçamos que o termo *estética* “evoca a concepção grega denominada de *aisthetique* e tem sua origem no verbo *aisthesis*, que se refere ao conhecimento sensível, à possibilidade de conhecermos através dos sentidos, das sensações” (MASSA, 2002, p. 291). Com base no conceito de estética delimitado, é importante sinalizar que a discussão aqui tratada amplia a compreensão comumente encontrada da redução da estética como a conotação de beleza, ou padrão de belo, produzida como estímulo ao consumo exacerbado e à visão utilitarista da obra de arte enquanto imitação da realidade.

É imprescindível também demarcar o lugar de atuação da arte e de produção de saberes na cultura, diferenciando-a dos parâmetros de constituição de conhecimentos pela ciência ou pela filosofia. Nessa medida, é importante salientar que diversos autores em diferentes momentos da história, a exemplo de Hegel (2001) e Marx (1984). Outros autores mais contemporâneos têm se debruçado sobre o

conceito de estética, dos quais destacam-se Pareyson (1997) e Valverde (2007), e afirmam que a arte não está limitada à ação filosófica, pois a atividade artística concretiza o pensamento e a ação humana materializados na cena, na imagem, no som, no corpo, na literatura, proporcionando a outros sujeitos o conhecimento e a experiência sensível por meio da apreciação e da produção da obra de arte. Porém, o campo da filosofia traz um significativo arsenal reflexivo sobre as peculiaridades da expressão e fruição artística. A arte lida com meios de captação sensível da realidade, sendo que o artista investiga, experimenta e recria seus modos de compartilhamento de idéias, sentimentos e reflexões. O artista trabalha com a perspectiva de recriação, construção de conhecimentos e formatividade expressiva e simbólica.

2 A estética hegeliana: estudo da manifestação do espírito humano

Para Hegel (2001), a Estética pode ser compreendida como a ciência do sentido, ou da sensação, cujo objeto maior é a arte, que provoca efeitos e sensações diversos no espírito humano, a exemplo de: admiração, maravilhamento, temor, repulsa, raiva, compaixão, etc. Compreendemos que tais sensações revitalizam a capacidade humana de sentir, por meio da apreensão do objeto artístico, e podem ser significativas para amenizar os processos de anestesia² social contemporânea.

Com base na perspectiva hegeliana de compreensão do campo da estética, é importante considerar a arte enquanto produção humana, visto que Hegel evidencia, em suas obras, a exclusão do belo natural, a exemplo de uma paisagem bela, um belo ser humano, belo animal, etc. O belo, para Hegel, é produção humana e o belo artístico está acima da natureza. O belo na arte é superior a qualquer produto natural, pois o belo artístico tem relação primordial com a liberdade, considerado por Hegel com bem supremo do homem. Com base na perspectiva hegeliana de compreensão da estética, a beleza natural do ser não é livre em si mesma, por não ser consciente de sua existência. Por esta razão, para o autor, a arte é produção humana, social e se destina à liberdade do pensamento humano, do seu espírito, da sua expressão e da sua criação. A idéia de arte, nesse entendimento, é um processo resultante do trabalho do próprio espírito no exercício de realização de sua liberdade³. Na arte, seja na criação ou na contemplação, o ser humano é significado, autoconsciente e atribui sentidos à experiência estética. Desse modo, concordamos com França (2009), em estudo realizado na área da estética com base na obra de Hegel, ao afirmar que:

² Compreende-se que a palavra *estesia*, em sua origem grega, significa sentir; logo, o mesmo termo antecedido pelo prefixo de negação a (*anestesia*) indica o contrário: o não-sentir. Os processos de anestesia social afastam o sujeito da sua capacidade de sentir, de pensar e ressignificar ideias, valores e preconceitos aceitos socialmente, sem reflexão cuidadosa. Esse processo é acirrado na sociedade contemporânea, por conta do acúmulo de informações e imagens, sem a conferência de atos reflexivos e imaginativos nessas experiências humanas.

³ Para maiores informações, ler HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. 2ª Ed. Cursos de Estética. Tradução: Marco Aurélio Werle. Edusp: São Paulo, 2001.

A arte é produto da atividade humana que expressa o espiritual, o divino, para o homem, aos seus sentidos, atividade que não é uma mimese da natureza, mas expressão espiritual que a ultrapassa, (...) expressando a particularidade de um povo na universalidade, expressando uma necessidade racional, da exteriorização da individualidade para a universalidade, levando-a a intuição do outro, porém, é preciso considerar que embora seja correto afirmar que a arte seja expressão da livre racionalidade humana ela apresenta limitações diante de outras formas de manifestação do espírito na história. (FRANÇA, 2009, p. 3).

Diante do presente posicionamento, compreende-se, numa perspectiva hegeliana, que a vinculação do homem e sua criação não se dá meramente por parâmetros racionais e subjetivos; tal vínculo se insere no bojo da dinâmica social e nas condições construídas ao longo da história. Para Hegel, a subjetividade e a razão são construções históricas da existência humana. Com base nessa esfera reflexiva, Hegel legitima, ao debruçar-se no campo da estética, os costumes de um povo e suas características ligadas à expressão do espírito, enquanto formas de compreensão da sensibilidade e da criação humana.

Se considerarmos que a sensibilidade é construída na relação do sujeito com o mundo, poderemos afirmar, em concordância com Hegel, que o belo, enquanto resultado formativo da sensibilidade, é produzido com base na experiência estética e não podem ser entendido como fenômeno natural. Para ele, a arte é um fenômeno social e é resultante também do repertório cultural do artista, que manifesta-se livre para criar, podendo, inclusive, questionar ou superar as reflexões produzidas por sua cultura e seu tempo histórico. Com base nesse aspecto de sua obra, Hegel considerava a arte enquanto espaço autônomo da realização do espírito. Nessa perspectiva da autonomia, o filósofo acentua que a arte não deve seguir regras, modelos pré-estabelecidos da ciência ou reduzir-se ao caráter utilitário do fazer humano. Para ele, o caráter autônomo e livre da criação é o que distingue a arte da ciência, enquanto forma de conhecer e explicar o mundo. Assim, Hegel assume que “o que nós pretendemos examinar é a arte livre tanto em seus fins quanto em seus meios” (HEGEL, 1990, p. 32).

Considerando a relevância de seus estudos, afirmamos que Hegel traz significativa contribuição para a compreensão da autonomia da arte nos seus modos de produção e apreciação. Em outras palavras, a atuação do artista não se restringe a reproduzir os valores culturalmente difundidos, ao contrário, ele se coloca no lugar da ampliação da percepção de mundo e ressignificação de conceitos sedimentados. Ao ser entendida de modo autônomo e livre, a arte se situa com igual importância da religião e da filosofia, enquanto formas de expressão

da consciência e do divino, dos mais importantes anseios da humanidade e do espírito, ou seja, a arte manifesta verdades do espírito, sendo a arte uma chave fundamental para a compreensão do espírito de determinados povos, sendo às vezes a única chave compreensiva, pois a arte expressa, para Hegel, as intuições interiores e representações substanciais dos povos”. (FRANÇA, 2009, p. 4).

Diante dessas questões levantadas, é possível inferir que a arte é um modo peculiar de manifestação do espírito no mundo, que traduz as intuições e formas de compreensão da vida e do mundo, mas não pautados em parâmetros lógicos e racionais; o modo artístico de conceber, interpretar e exprimir a realidade baseia-se na sensibilidade de apreensão do real, na autonomia e na liberdade dos processos criativos. Em seu livro *Fenomenologia do Espírito*, Hegel analisa o reconhecimento da consciência humana na obra de arte, enquanto exercício de realização de sua liberdade. Enquanto dimensão espiritual da existência humana, a arte, com base em Hegel, expressa o conteúdo do campo das idéias que se configura no mundo, na forma sensível, efetivando o que é divino e humano.

A verdadeira liberdade, para Hegel, não pode estar distante da coletividade sendo, portanto, conquistada somente na superação do individualismo. Hegel trata do conceito de heteronomia, apoiado na compreensão de que não existe autonomia pessoal, visto que o ser humano está inserido em um contexto social, conferindo a este a necessidade de construção de um modo gestão responsável da própria liberdade, tendo como perspectiva os demais seres humanos. Nesse sentido, a liberdade não pode ser confundida com autonomia absoluta, visto que ser livre é uma construção social e não um mero fruto da vontade ou necessidade humana. Nessa perspectiva, entendemos liberdade e autonomia na atividade de criação e de fruição artística como perspectiva de ampliação do encontro do ser humano com a coletividade, e como forma de exercício de expressão e de compreensão do outro, a partir da experiência estética. A arte, nesse sentido, não tem o papel de reproduzir o pensamento humano, mas de agir como reflexo para o próprio aperfeiçoamento moral e instrutivo do sujeito.

3 As finalidades da arte referentes à liberdade e à autonomia humana

Hegel, em sua obra *Cursos de estética*, dedicou-se à crítica à restrição da arte ao ato de imitação, cópia ou reprodução da realidade. Para ele, se a arte se reduzisse à mera imitação da vida, esta perderia o seu valor e o seu sentido de existir; ou seja, sem inventividade e liberdade de criar, o artista se reduziria a um mero reproduzidor da realidade e a arte perderia a sua finalidade, pois só se destinaria a reproduzir a vida em formas sensíveis e em superfícies formativas. Com isso, Hegel questiona o valor de uma área de conhecimento que se dedicasse meramente a reproduzir o que já está posto e dado para a humanidade. Se a arte se reduzisse à mera imitação da vida, não causaria aspectos compreendidos por Hegel como fundamentais, como a purificação das paixões, a instrução e o aperfeiçoamento moral humano. Ao ampliar o conceito de arte e valorizar este campo de estudo e de criação, o filósofo coloca a arte como possibilidade de elevação do espírito, tanto no processo de criação, quanto no ato de contemplação da obra artística. Nesse aspecto, Hegel trata de três concepções de arte que serão tratadas a seguir, ainda no presente tópico discursivo.

Convém inferir que a arte contrapõe-se ao pensamento corriqueiro e habitual; esta se lança para a captação de outras formas de sentir e codificar a realidade, questionando-a e provocando reflexões em torno da vida. Além disso, se a arte se

limitasse à mera imitação do sensível, estaria reduzida ao mero exercício técnico e formativo da obra e à reprodução das formas utilitárias e modelos de vida socialmente difundidos. Por isso, concordamos que a arte deve existir para além da imitação formal da natureza, do que está diante de nós, “pois esta imitação em todos os casos só traz à luz artifícios técnicos, mas não obras de arte. (...) a naturalidade existente não é regra e nem a mera imitação dos fenômenos exteriores não é a finalidade da arte” (HEGEL, 2001, p. 65).

Nesse sentido, torna-se necessária a reflexão sobre as finalidades da arte, com o propósito de desmistificar o seu propósito único de imitação da vida, observado em correntes, como o classicismo e o realismo. Para isso, recorreremos, novamente, aos estudos de Hegel, para auxiliarmos-nos na demarcação do campo artístico, bem como para assumirmos o entendimento da estética enquanto estudo da produção de sentidos. Hegel destaca a arte como campo de produção de conhecimento com suas peculiaridades próprias, distinguindo-o do âmbito da filosofia e da ciência. Para o autor, a arte não pode ser limitada à filosofia, pois estaria eximindo-se do seu caráter formativo e criador. Porém, a arte não se mantém independente da reflexão filosófica, pois para o autor, o campo da produção de sentidos está ligado ao campo de reflexão humana e da compreensão do sujeito sobre si mesmo e sobre o mundo. Ou seja, a produção em arte implica também em reflexão, mas não pode limitar-se a esta, tampouco deve limitar-se à investigação científica, pois opera com meios de produção e de expressão ligados aos sentidos e não ao mero uso racional e técnico. Assim,

Pode ainda parecer que, embora em geral a bela arte permita reflexões filosóficas, ela não seja, contudo, um objeto adequado para a consideração científica autêntica. Pois a beleza artística se apresenta ao sentido, à sensação [Empfindung], à intuição e à imaginação, possui um âmbito distinto daquele do pensamento e exige, assim, que sua atividade e seus produtos sejam apreendidos por um outro órgão, não pelo pensamento científico. (HEGEL, 2001, p. 30).

O autor dá continuidade ao seu pensamento, afirmando que a criação é perpassada pelo ato de liberdade, especialmente no âmbito da fruição artística. Tanto na criação, quanto da apreciação estética, o sujeito liberta-se de regras e normas para deparar-se diante da obra artística; isso não significa, contudo, dizer que os valores sociais e as referências culturais do sujeito não influenciem a criação ou a fruição estética. Ao retratar aspectos como a fantasia e a liberdade enquanto artefatos necessários para a produção e fruição artística, o autor complementa que "perante esta plenitude incomensurável da fantasia e de seus produtos livres, o pensamento parece que tem de perder a coragem para trazê-las em sua completude diante de si, para julgá-los e enquadrá-los em suas fórmulas gerais". (HEGEL, 2001, pp. 30 e 31).

Com base nisso, inferimos que a atividade artística contrapõe-se ao percurso natural das relações humanas e das formas habituais de analisar a realidade. Ela se concentra muito mais para a mudança ou ampliação do olhar do que para a sua estagnação das fórmulas e mecanismos de interpretação da realidade. Para que isso

ocorra, a arte deve manter-se livre tanto em seus fins, quanto em seus meios de produção, sendo que o artista precisa libertar-se da servidão dos valores e condutas culturalmente postos, até mesmo do conjunto de conhecimentos e técnicas historicamente aceitos e acumulados no âmbito artístico. O papel do artista não se reduz à explicação da realidade ou ao atendimento servil das suas regras de criação. Ao contrário, sua posição implica, inclusive, na criação da autonomia e liberdade no ato criativo. O mesmo ocorre no âmbito da apreciação artística: apesar do olhar do sujeito ser guiado pelo seu repertório cultural, a arte possibilita que ele construa novos modos de interpretar e de atribuir sentido àquilo que acessa; assim, muitas vezes, a obra de arte é criada para contrapor e questionar os modos corriqueiros de compreensão da realidade.

Hegel (2001, p. 51) também definiu três concepções de arte que contribuíram para a determinação e compreensão acerca do objeto de estudo que estamos tratando. A primeira concepção diz confere a obra de arte não como um produto natural, e sim como atividade humana. A segunda refere-se à compreensão da obra de arte como produção sensível dirigida para o sensível humano. E por fim, a afirmação de que a arte possui uma finalidade em si mesma.

Compreendendo o ser humano como ser cultural, Hegel desmistifica a concepção da arte como algo divino e restrito àqueles que possuem um suposto “talento nato”. Tal posicionamento teórico apresenta grande relevância para o estudo da estética ao longo da história da filosofia da arte. Além disso, Hegel assinala a necessidade do ser humano em produzir e apreciar arte, através da qual o ser humano reconhece como “si-mesmo”, pois a arte é criada por ele e o reflete reciprocamente, "na medida em que, por um lado, internamente, transforma o que é em para si, bem como realiza este ser-para-si, externamente e, assim, para si e para os outros nesta duplicação de si, traz à intuição e ao conhecimento o que nele existe". (HEGEL, 2001, p. 53).

De maneira alicerçada com a perspectiva abordada pelo autor, compreendemos que a arte se situa para o homem, não como mera ação no mundo, mas como atividade essencial para que este se reconheça enquanto ser humano. A arte não é uma inspiração dada por uma divindade, ao contrário, ela revela, aprimora, instiga, acentua, questiona, reflete o próprio ser humano tanto no processo criativo, quanto na sua capacidade de apreciação. No caso da caricatura, por exemplo, ao acentuar algum detalhe do comportamento humano, o leitor apreciador poderá transpor o objeto contemplado para a sua vida, causando diversos efeitos, como riso, indignação e, sobretudo, reflexão.

A segunda questão anunciada pelo autor vincula-se à primeira no que diz respeito ao sentir, enquanto forma da afecção subjetiva. Para ele, a arte produz modos diferenciados de sentir e de manifestação sensível, porém tais modos são imensuráveis e variam tanto em intensidade quanto na qualidade do sentimento em si para cada ser humano. Muitas vezes, o que é sentido permanece oculto na forma da subjetividade, por isso, para ele, as diferenças no sentimento são abstratas. A investigação sobre os sentimentos que a arte suscita permanece numa indeterminação que abstrai o conteúdo de sua essência e conceito concretos. Este é um aspecto relevante do estudo sobre a estética. Nessa perspectiva, Hegel anuncia que:

Rapidamente evidenciou-se que tal sentido não é um instinto cego determinado de modo inabalável pela natureza e que em si e para si já distinguiria o belo. Deste modo, exigiu-se uma formação para tal sentido, sendo que o sentido formado para o belo denominado de gosto, que, embora seja uma capacidade de apreensão e discernimento formado para o belo, deveria continuar no modo de um sentimento imediato”. (HEGEL, 2001, p. 55).

Ainda sobre a necessidade humana de produzir e apreciar arte, o autor trata da necessidade de formar o sujeito conhecedor, que atribui sentidos à obra para além do gosto pessoal, da crítica ou da mera análise técnica dos atributos formais da obra. Outra questão discutida por Hegel refere-se à compreensão de que a arte, por ser uma produção humana, conforme vimos, está intimamente ligada ao contexto sociocultural do seu produtor, à sua história e às suas formas de ver e de se relacionar com o mundo.

A obra de arte, dada a sua natureza ao mesmo tempo material e individual, nasce essencialmente de toda espécie de condições particulares, dentre as quais estão especialmente a época e o lugar de nascimento, a individualidade determinada do artista e, principalmente, o nível de aperfeiçoamento técnico da arte (HEGEL, 2001, p. 56).

Aferimos que os modos de produção de sentidos para aqueles que acessam a obra de arte também é direcionada pelo tempo histórico e pela subjetividade do receptor. Isto é, o modo de atribuição de sentidos por quem contempla a obra causará sentidos e interpretações diferentes para a mesma obra de arte. Quanto a isso, Hegel adverte para o cuidado da interpretação da obra não prender-se aos aspectos técnicos e exteriores da produção, que segundo ele são também produzidos historicamente e marcado por determinado ponto de vista cultural. Em decorrência disso, o modo de apreciar e atribuir sentido à atividade artística pode ignorar por completo o valor da obra, por conta de uma análise meramente técnica pautada em valores sócio-históricos vigentes em determinado tempo histórico e território cultural.

Do ponto de vista da produção de sentidos em relação à obra de arte, Hegel destaca que a fruição estética não é apenas uma apreensão sensível, é também essencial para o espírito, que deve ser afetado pelas formas de satisfação e prazer estético. Todavia, o autor tece críticas à experiência que se reduz à mera apreensão do sensível, sem significação, apontando que:

A pior apreensão, a maneira menos adequada para o espírito, é a apreensão meramente sensível. Ela consiste primeiramente no meu ver, escutar, tocar e assim por diante, para muitos, constituir de modo geral um passatempo como quando se caminha ao léu sem pensar em nada e apenas se escuta algo aqui e ali, se olha para cá e para lá e assim por diante. O espírito não se limita à mera apreensão das coisas externas por meio da visão e do ouvido, ele as transforma para o seu interior. (HEGEL, 2001, p. 57).

Para o autor, o sensível presente na obra de arte deve aparecer como superfície e como aparência do sensível, enquanto aspectos a serem captados pelo sujeito. Ao mesmo tempo em que o sensível na obra de arte não é mais puro pensamento, não é também somente materialidade, como pedras, corpo, tintas, sonoridade, etc. As obras a arte não produzem simplesmente um mundo de formas, imagens e movimento, elas “possuem a capacidade de produzir para todas as profundezas da consciência uma ressonância e o eco no espírito” (p. 60).

Estas questões estão ligadas também à compreensão da finalidade da arte, ou seja, a terceira concepção enunciada por Hegel, que reside em trazer para o sentido o que existe no espírito humano, despertar impressões e paixões adormecidas. Para o autor, a arte tem a finalidade em si mesma, no seu modo de compreender a vida, de exprimir e de criar. É nisso que reside a possibilidade de despertar sentidos, de afetação do espírito e à experiência humana com a obra de arte. Constitui-se, então, enquanto

tarefa e finalidade da arte trazer ao nosso sentido, ao nosso sentimento e entusiasmo tudo o que possui um lugar no espírito humano. (...) despertar e avivar as impressões, as inclinações adormecidas de todo tipo; preencher o coração; permitir que os homens possam sentir-desenvolvido ou não- tudo o que o ânimo humano possa ter, experimentar e produzir em seu ser mais íntimo e secreto; permitir que os homens possam sentir o que pode mover e excitar o peito humano em sua profundidade e em suas múltiplas possibilidades e aspectos. (HEGEL, 2001, p. 67).

Segundo o autor, a finalidade da arte encontra seu refúgio na própria experiência efetiva do homem com suas formas de representação, ideologia, intuição e significação. O homem representa e é representado por meio da produção artística. Por outro lado, a finalidade essencial da arte reside, com base no autor, na purificação das paixões, na instrução e no aperfeiçoamento moral. Sob o primeiro aspecto, Hegel discute que a purificação e elevação das paixões se dá na satisfação em si exercida na experiência estética “que reside no interesse satisfeito de sentimentos e paixões e, conseqüentemente, do comprazimento, diversão e deleite que sentimos com objetos artísticos, com sua exposição e efeito”. (p. 69).

Porém, o autor adverte que juntamente à purificação das paixões, a arte, por si só, confere significado tanto na instrução, concebida de modo amplo de compreensão do conteúdo da vida, e no aperfeiçoamento moral. Isso ocorre por meio do contato com a obra de arte, na qual o sujeito se vê representado e reflete sobre a própria condição humana. Desse modo, a perspectiva hegeliana assume que a peculiaridade da arte “reside [na] possibilidade de superar a brutalidade, domar e formar os impulsos, as inclinações, as paixões” (p. 69). Com isso, Hegel afirma que a satisfação dos apetites humanos, por meio da experiência estética, enquanto catarse, eleva o espírito humano no exercício da liberdade.

Mesmo se a arte se limitasse a apresentar para a intuição pinturas de paixões, que tivesse inclusive que adulá-la, nisso já residiria uma força

de suavização, já que por meio disso o homem pelo menos tomaria consciência do que ele é imediatamente. Pois então o homem considera os seus impulsos e inclinações, e enquanto antes eles o arrebatavam irrefletidamente, agora ele os vê como exteriores a si e, por estarem objetivamente à sua frente, já começa a se libertar deles. (HEGEL, 2001, p.69).

Assim, a arte tem a finalidade de purificação dos impulsos do homem, não no sentido moralizante, mas na perspectiva de ver representada na obra a própria natureza humana. A suavização das paixões que limita o pensamento e o exercício da liberdade tende a aprisionar o ser humano no mundo físico imediato. Porém, a arte ou o belo artístico exercem o domínio na expressão e purificação do pensar, elevando o espírito do ser humano. Ao ver a sua dor representada na obra de arte, o sujeito torna-se consciente ao refletir sobre si mesmo e se alivia de suas angústias. Destarte, compreendemos que

A suavização da potência das paixões encontra, por conseguinte, seu fundamento universal no fato do homem se livrar do aprisionamento imediato provocado por um sentimento e se tornar consciente dele algo que lhe é exterior, com o qual ele apenas deve relacionar-se de um modo ideal. A arte nos liberta da potência da sensibilidade por meio de suas representações dentro da esfera sensível. (...) a arte dissolve essa unidade [selvageria e brutalidade] para o ser humano, o levanta com mãos suaves para fora desta prisão da natureza”. (HEGEL, 2001, p.69).

Para o autor, sem o conteúdo da vida humana, a arte se torna apenas aparato técnico das aparências; todavia, se a arte se reduzir à instrução e à expressão do conteúdo, sem a dimensão da forma, perderá a sua existencialidade concreta, deixando de ser arte. Ao mesmo tempo em que a arte não pode ser reduzida a um mero jogo de entretenimento, não pode destinar-se ao mero meio de instrução, senão seria reduzida a um recurso exclusivamente didático. De acordo com a perspectiva hegeliana de compreensão sobre a arte, a sua finalidade situa-se na purificação dos sentimentos e na formação do homem instruído. A arte não busca o aperfeiçoamento do homem enquanto finalidade e utilidade, ela atua na formação humana desse sujeito, visando os meios disponíveis para a liberdade de criação e autonomia no seu processo constitutivo enquanto ser humano.

4 Considerações em andamento

O posicionamento teórico da presente discussão situa a estética como campo de compreensão do ser humano como sujeito sensível, criador e capaz de interpretar a realidade e de intervir socialmente por meio de diferentes linguagens: plástica, sonora, imagética, cênica, literária, dentre outras. Nesse caso, compreendemos, com base na teoria hegeliana, que a arte amplia a capacidade de conhecer, de expressar e de criar com base nos mecanismos disponíveis na cultura. De início, entendemos que a obra de arte consolida a esfera da experiência estética, enquanto modo de produção de saber, que não é meramente intelectual nem voltada para os ditames de regras para a existência e atuação humanas.

Desse modo, convém sinalizar que a estética é entendida no presente estudo como o campo de estudo sobre a estesia, ou seja, o sentir humano, a sensibilidade. Nesse sentido, do ponto de vista hegeliano, a arte se difere substancialmente da ciência, pois a primeira trata de questões ligadas à intuição, à imaginação e à produção de sensações, enquanto que a segunda volta-se para a constatação eminentemente racional e de comprovação com base empírica e generalista. Diferentemente dos modos de investigação científica, a arte produz o conhecimento não buscando classificar, categorizar, generalizar ou explicar a realidade; ele está voltada para a criação de meios simbólicos de compreensão da vida, de produção de sentidos para a existência humana.

Enfim, não se constitui enquanto perspectiva profícua da arte a criação de conceitos, paradigmas, leis a serem utilizadas por outros artistas, embora ao longo da história cursos de formação em arte vêm se limitado ao ensino de técnicas e métodos da expressão criativa. Defendemos, aqui, que a arte se situa no âmbito da sensibilidade, da criação e da inventividade. A arte é, para Hegel, a exteriorização sensível do espírito e que a técnica é apenas um meio disponível e de suporte para a criação e emancipação do ser.

Em relação à compreensão da arte enquanto produção humana, e não como algo natural, dado previamente pela natureza, coloca o homem como ser criador, que não apenas aprecia o belo natural. O homem é situado, nessa perspectiva, como produtor das suas formas de conhecer e expressar e utiliza-se dos meios disponíveis para a combinação de elementos que constituirá em um novo resultado estético. Desse modo, a atividade artística é explicada como exercício permanente do ato de autonomia humana, que implica na conquista da liberdade. Contudo, as questões ligadas à autonomia e à liberdade humanas perpassam pelo sentido coletivo deste exercício constante e progressivo. A arte, enquanto processo humano de construção da liberdade do espírito, pode intensificar a configuração de uma gestão responsável pela própria liberdade, tendo como perspectiva a vida em sociedade. Nesse processo, os sentidos de liberdade e de autonomia são ativados no âmbito da atividade artística, conjugando elementos ligados à cultura, à sensibilidade e à busca pela expressividade.

Assim, convém finalizar afirmando que a compreensão do sentido produzido pela obra de arte se dá mediante a interação humana, não sendo um princípio dado a priori, constituindo-se como ação humana que integra subjetividade, autonomia e reflexão. Destarte, consideramos que a sensibilidade e a capacidade de fruição da obra artística são constituídas culturalmente pelo ser humano. Este posicionamento aponta-nos a necessidade de formação para a sensibilidade, objeto de estudo relevante para a continuidade dessa discussão, em outros contextos, em outras paisagens educativas, artísticas e filosóficas...

Referências bibliográficas

- FRANÇA, Lincoln Menezes da. Estética e consciência infeliz na filosofia hegeliana. *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*. Ano 6. Nº 10. Junho, 2009. 109-121.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. 2ª Ed. *Cursos de estética*. Tradução: Marco Aurélio Werle. Edusp: São Paulo, 2001.
- _____, _____. *Fenomenologia do espírito*. Tradução: Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen. Editora Vozes Ltda.: Petrópolis, 1992.
- _____, _____. *Enciclopédia das ciências filosóficas em Epítome*. Volume I. Tradução: Artur Mourão. Edições 70: Lisboa, 1988.
- HYPOLITE, Jean. *Introdução à filosofia da história*. 4ª Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1994.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*: 1º capítulo seguido das teses sobre Feuerbach. São Paulo: Moraes, 1984.
- MASSA, C.D. *Estética do espetáculo teatral*: Tragédia e comédia na Grécia Antiga durante o período clássico. Salvador: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas/ABRACE, 2001, pp. 290-296.
- PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. Tradução de Maria Helena Nery Garcez. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- VALVERDE, Monclar. *Estética da comunicação*: sentido, forma e valor nas cenas da cultura. Salvador: Quarteto Editora, 2007.